

## DOCUMENTOS E FONTES: MULHER RENDEIRA E A RENDA IRLANDESA DE DIVINA PASTORA (SE)

## DOCUMENTS AND SOURCES: WOMAN LACE AND THE IRISH INCOME OF DIVINE SHEPHERDESS (SE)

Heyse Souza de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** A pesquisa analisa a historiografia da Renda Irlandesa no Município de Divina Pastora/SE, apontando as principais versões sobre a chegada do ofício na região, no estudo também é observado como o perfil socioeconômico feminino na localidade sofreu alterações ao longo do tempo. Como metodologia, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o artesanato Renda Irlandesa e realização de entrevistas com rendeiras do município de Divina Pastora/SE, em 2017. O estudo traz parte do resultado da Dissertação de Mestrado da autora e aborda a importância da história oral para o registro da tradição do artesanato em Sergipe.

**Palavras-Chave:** Renda Irlandesa; Mulheres; Historiografia.

**Abstract:** The research analyzes the historiography of Irish Income in the Municipality of Divina Pastora/SE, pointing out the main versions about the arrival of the craft in the region, in the study it is also observed how the female socioeconomic profile in the locality underwent changes over time. As a methodology, a literature review was carried out on the Irish Income handicraft and interviews with rendeiras of the municipality of Divina Pastora/SE, in 2017. The study brings part of the result of the author's Master's Thesis and addresses the importance of oral history for the recording of the tradition of handicrafts in Sergipe.

**Keywords:** Irish income; Women; Historiography.

### INTRODUÇÃO

Burke<sup>2</sup> define a Nova História como “a história escrita como uma reação deliberada ao ‘paradigma tradicional’ um termo útil embora impreciso, posto em circulação pelo historiador de ciência americano Thomas Kuhn”.

Uma das características do paradigma tradicional centrava-se na escrita da História com base em documentos oficiais, outro traço era a visão da história essencialmente como uma narrativa dos acontecimentos. Seguindo em outra direção a Nova História se preocupa

<sup>1</sup> Mestra em História pela Universidade Federal de Alagoas (2018), Especialista em Planejamento do Turismo pela Universidade Federal de Sergipe (2019), Especialista em Museografia e Patrimônio pelo Centro Universitário Claretiano (2016) e Bacharela em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (2014).

<sup>2</sup> BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 2011. p.10.

mais com a análise das estruturas, passa a dar uma ênfase maior à “história vista de baixo”, assim, a Nova História começou a se interessar por toda história da sociedade, incluindo análises e pesquisas sobre temas variados, como por exemplo, a história da infância, da loucura, da morte, mulheres, dentre outros.

Na obra “História & História Cultural”, Pesavento<sup>3</sup> cita o momento da crise dos paradigmas nas últimas décadas do século XX, onde as duas posições interpretativas da história criticadas foram: o marxismo e a corrente dos *Analles*, combatendo-se a ideia de “verdade absoluta” contida na fonte documental de origem política e/ou econômica que falava por si mesmo, impulsionando assim a renovação e abertura para uma nova vertente historiográfica conhecida como História Cultural ou mesmo Nova História Cultural, para a autora “a história trabalha com a mudança no tempo, e pensar que isso não se dê no plano da escrita sobre o passado implicaria em negar pressupostos”, assim:

Por exemplo, o conceito de representação é, formal e claramente assumido por todos? A resposta mais justa seria não. Entretanto, entendemos que, de uma forma geral, todos trabalham com a mesma ideia do resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas. Se estamos em busca de retrair uma postura e uma intenção partilhada de traduzir o mundo a partir da cultura, é preciso descobrir os fios, tecer a trama geral deste modo de fazer História, prestar atenção em elementos recorrentes e, talvez, relevar as diferenças entre os autores, o que, sem dúvida, é um risco.<sup>4</sup>

Entretanto, segundo artigo publicado por Langer,<sup>5</sup> Peter Burke tinha um modo de pensar diferente de Pesavento com relação aos conceitos de “imaginário” e “representação” bastante utilizados nessa nova corrente historiográfica, pois:

[...] o historiador britânico Peter Burke, ao contrário de Sandra Pesavento, percebe que houve um movimento contrário – primeiro ocorreram às teorizações do imaginário social, para em seguida passar-se às ideias de representação e construtivismo na nova história cultural, inicialmente os estudos de imaginário tiveram dois trabalhos paradigmáticos na historiografia francesa a obra as três ordens ou o imaginário do Feudalismo (1978) de Georges Duby, e o nascimento do purgatório (1981), de Jacques Le Goff<sup>6</sup>.

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.02.

<sup>4</sup> Idem, p.06.

<sup>5</sup> LANGER, Johnni. A Nova História Cultural: origens, conceitos e críticas. In: *História e história*. UNICAMP. 2012. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=186>. Acesso em: 28/03/2017. p.09.

<sup>6</sup> Ibidem. p.09.

Refletindo sobre essa abordagem dos contrários para entender a Renda Irlandesa à luz dessas perspectivas, esse trabalho ao adotar a concepção de Peter Burke, afirmará que primeiro houve a ideia das formas do desenho – absorvidos do cotidiano das artesãs – para que depois estes viessem a se transformar nos pontos (cultura material) representativos de sua visão de mundo. Já o pensamento de Pesavento indicaria um caminho contrário: os pontos da Renda Irlandesa foram se desenvolvendo sem maiores conjecturas mentais, até que em determinado momento, houve a necessidade de explicá-los para melhor ensiná-los.

## HISTORIOGRAFIA DA RENDA IRLANDESA EM DIVINA PASTORA/SE

O estudo de temas inseridos no cotidiano do povo comum como a Renda Irlandesa produzida no município de Divina Pastora, ao longo dos anos, foi tema de pesquisa de estudiosos como antropólogos, museólogos e economistas produzindo várias interpretações voltadas para sua área.

Em Sergipe, Beatriz Góis Dantas, pesquisadora, antropóloga, foi autora de diversas publicações como catálogos, artigos, relatórios sobre a inserção da cultura e ofício de fazer renda entre as mulheres de Divina Pastora, do mesmo modo que Aglaé D'Ávila Fontes, professora, escritora e folclorista também pesquisadora e consultora da renda no estado.

Em outros estados, pesquisadores como Lourdes Cedran, museóloga, foi uma das primeiras autoras a escrever sobre a renda da região e o antropólogo Antônio Arantes foi responsável por estudos e publicações relevantes sobre a importância da renda na economia do município.

Para a historiografia da Renda Irlandesa em Sergipe, Beatriz Góes Dantas pode ser considerada uma das maiores contribuidoras nas pesquisas do tema, ressaltando-se seu texto “Dos baús as passarelas: trajetória e desafios da Renda Irlandesa” no qual Dantas<sup>7</sup> expõe as dificuldades do acesso à documentação escrita em Sergipe, exemplificadas por ela em projetos, cadastros e relatórios. A autora cita que essa deficiência foi suprida graças à consulta de jornais, documentos eletrônicos e coleta de relatos orais.

Na História Cultural o aceite de novas fontes para pesquisa (incluindo a oralidade) permite que historiadores possam, através da coleta de depoimentos e relatos de quem viveu

---

<sup>7</sup> DANTAS, Beatriz Góis. Dos baús às passarelas: trajetória e desafios da renda irlandesa, *In. Divina Pastora: Caminhos da Renda Irlandesa*. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2013, p.15-41. p.16.

os fatos na posição de agente direto, preencher as lacunas textuais na escrita da história dos acontecimentos.

Como uma nova fonte de dados, as entrevistas, tem a função de auxiliar o historiador a compreender ou até mesmo confrontar outros documentos escritos, à exemplo de jornais, certidões, cartas; documentos icnográficos como fotografias, ilustrações, desenhos, obras de arte, gravuras, mapas, assim como outros tipos de documentos históricos, que não trazem consigo informações mais detalhadas.

A oralidade das fontes, na perspectiva da Renda Irlandesa em Sergipe, desde seus primeiros estudos e publicações tem sido considerada uma fonte primordial de pesquisa sobre a história e ofício das mulheres que fazem a renda na cidade de Divina Pastora.

Para entender melhor a inserção da Renda Irlandesa no município, Dantas<sup>8</sup> faz uma análise do ensino de rendas e bordados, que na década de 1950 era comum nas escolas. O ofício era considerado disciplina a ser cursada por mulheres, dentro da grade de ofertada na modalidade “trabalhos manuais” integrante de diversos cursos do ginásial, normal e técnico. Na época era comum a escola preparar as moças para serem boas dona de casa, prendadas e detentoras de saberes como bordados e costuras. Sobre o ensino das rendas e bordados em Sergipe, a autora explica que:

As mestras eram, por vezes, pessoas bem-postas na vida, algumas delas, filhas de fazendeiros que se permitiam viajar a Salvador, de onde traziam os aviamentos mais sofisticados e necessários à sua arte, inexistentes no comércio local, à época. [...] O livro de Berta Schwetter, Enciclopédia de trabalhos manuais (1958) com várias edições desde os anos 40 era a literatura que tinha acesso regular. Desse modo, as professoras de aulas particulares de bordados e outros atavios domésticos que existiam em muitas cidades sergipanas, ampliavam e a atualizavam o conhecimento e pratica dessas artes femininas, também ensinadas em colégios de freiras, orfanatos ou escolas públicas<sup>9</sup>.

Nos estudos sobre a origem do ofício em Divina Pastora e suas protagonistas, Dantas<sup>10</sup> faz referência a Ana Rollemberg, uma senhora da aristocracia sergipana com acesso ao estudo de rendas e bordados. A autora traz ainda em outro estudo um depoimento pessoal de suas experiências em pesquisa com fonte oral, citando a entrevista realizada entre 2000 e 2005 com Neuza Cardoso, herdeira de uma família de proprietários rurais do município de

<sup>8</sup> Idem, p.19.

<sup>9</sup> Idem, p.20.

<sup>10</sup> DANTAS, Beatriz Góis. A renda na Cidade: história e mitos de origem in *Renda Irlandesa: Instrução técnica do processo de registro do modo de fazer renda irlandesa*, tendo como referência o ofício das rendeiras de Divina Pastora /SE. IPHAN, 2009. p.34.

Aquidabã. Nas décadas de 50 e 60, Neuza foi dona de um ateliê de costuras requintadas em Aracaju, tornando-a uma das mais famosas fazedoras de enxovais de noivas para elite local. Posteriormente a mesma adquiriu um antiquário e vendia em sua loja peças de Renda Irlandesa para os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Mas o fato que chama mais atenção é que a Dantas<sup>11</sup> cita que encontrou entre os pertencentes de dona Neuza um exemplar do livro *Encyclopède des Ouvrages de Dames* de Thérèse de Dillmont, editado no século XIX, um valioso manual sobre ensino das artes de rendas e bordado. Talvez esteja nesse depoimento um elemento chave para a disseminação do ofício do artesanato na região, a partir de um item (livro) que desencadeia várias teias de conhecimento de saberes, vindo da Europa oitocentista. Citando-a:

A renda irlandesa é uma renda feita com agulha e linha, cuja técnica e modo de fazer estão descritos com riquezas de detalhes em livros europeus do século 19 destinados ao Público feminino dentre eles *Encyclopède des Ouvrages de Dames* de Thérèse de Dillmont (sd) editada em várias línguas, circulou em versão francesa no Brasil, inclusive em Sergipe, entre as senhoras da elite, inspirando trabalhos e nobilitando certo fazeres feminino. As origens da renda remontam da Europa, vinculando-se aos centros rendíferos do velho mundo, que, sob os ventos renovadores da revolução Industrial, encontram abrigo em conventos da Irlanda, derivando daí, possivelmente, o seu nome<sup>12</sup>.

Analisando a chegada do ofício por relatos orais colhidos com as rendeiras mais antigas da cidade de Divina Pastora em 2017, as mesmas associam a transmissão do conhecimento às freiras missionárias que vieram da Irlanda em missão. Chegando ao município, as mesmas passaram a ensinar a técnica para as filhas de donos de engenhos e fazendeiros, que posteriormente foram ensinando e transmitindo a técnica e conhecimento para as moças e mulheres da cidade que trabalhavam em suas residências<sup>13</sup>.

Apesar da existência destas duas versões, que circulam entre o universo do imaginário das rendeiras do município e da pesquisa acadêmica, existem dois eixos que se entrelaçam nas duas versões: o primeiro deles é a origem da renda vinda da Europa (Irlanda), e o segundo é o conhecimento de moças da aristocracia sergipana (independente de como se deu a origem) transmitidos para mulheres da cidade sempre citadas (Juli, Marocas, Sinhá e Lourdes)<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> DANTAS, Beatriz Góis. *Op. Cit.*, 2013. p.20.

<sup>12</sup> Idem, p.16.

<sup>13</sup> Informação verbal. Concedida em entrevista a autora em 2017.

<sup>14</sup> ZACCHI, Marina Sallovitz; CHAGAS, Marta Maria; BARRETO, Rosangela (org). *Renda Irlandesa: Catálogo de produtos da Renda Irlandesa em Sergipe*. Aracaju: IPHAN-SE, 2014.

Ainda remontando ao início do ofício rendeiro, Dantas<sup>15</sup> afirmou que algumas mulheres viam na confecção de trabalhos manuais, ou seja, na produção das rendas a oportunidade de “fugir” do trabalho árduo da roça e custear seus estudos. Isto posto que as mulheres encontravam na renda uma alternativa para não enfrentar a agricultura, já que “tinham as suas famílias ligadas ou campo, engenhos e fazendas de plantar cana que chegavam até as proximidades da pequena vila”. Observa-se que as próprias artesãs terminaram por absorver e reproduzir as falas que foram se consolidando na cidade:

As rendeiras, mulheres de poucas letras, mais preocupadas com o fazer e vender a sua renda do que pensar nas suas origens remotas, quando a ela se referem em geral, contentam-se em buscar na memória e na tradição, que vai aos poucos se cristalizando, os nomes das pessoas que a teriam introduzido na cidade e espalhado a técnica entre as mulheres. Algumas, porém, já começam a incorporar as explicações dos eruditos sobre o papel das freiras na introdução da renda da cidade. Como se vê, não há uma única versão, mas dentre elas uma é mais difundida. Está registrada por Lourdes Cedran, num catálogo de exposição que se constitui talvez no mais antigo registro bibliográfico sobre a renda irlandesa em Divina Pastora, atingindo público mais amplo. Com base em depoimentos das rendeiras colhidos no final da década de 70<sup>16</sup>.

Essas memórias e histórias acabam interessando muito aos pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais que as remontam de modo interdisciplinar através de documentos em arquivos, oralidades coletadas, livros raros encontrados com a finalidade de preencher lacunas historiográficas através da comparação de narrativas.

As rendeiras, imersas em artesanato, agregaram-se ao imaginário do povo brasileiro, estando presentes em músicas, poemas, cantigas e adivinhas que trazem as representações desse universo ilusório que construímos sobre a vida e rotina mulheres que trabalham tecendo a renda como um auxílio para arcar com as despesas da família. Para além da questão econômica:

O artesanato da renda encontra-se fundamentalmente vinculado à presença da mulher como elemento de atuação cultural, quase sempre voltada às atividades artesanais em todos os povos. Muito unido ao trabalho de fiar, trançar, tecer e constituir formas com os fios, utilizado-se de agulhas, bastidores ou pequenas bobinas de madeiras-Bilros-ocorreu o aparecimento da renda como técnica artesanal<sup>17</sup>.

<sup>15</sup> Dantas, Beatriz Góis. *Op. cit.*, 2009. p.32.

<sup>16</sup> DANTAS, Beatriz Góis. *As Rendeiras de Divina Pastora In Renda de Divina Pastora*. 2.ed. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2001. p.19.

<sup>17</sup> MAIA, Isa. *Artesanato Brasileiro: rendas*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981. p.09.

Há quase um papel social poético em tecer os fios na teia da vida, desenrolando acontecimentos entre pontos e bordados, com a delicadeza da alma feminina ali protagonista de si em meio à uma sociedade nordestina ainda extremamente patriarcal. O ensino das rendas para as mulheres do município de Divina Pastora por muito tempo foi descrito em textos e bibliografias sobre o tema, como algo ainda iniciado na infância, através da tradição cultivada no seio familiar, onde as crianças ao verem seus parentes desenvolvendo o artesanato, em algum momento, despertam-se para o aprendizado do ofício. Assim,

Aprender a fazer Renda Irlandesa é, para as mulheres de Divina Pastora, uma possibilidade que se coloca cedo em suas vidas. É quase um dado que se inscreve naturalmente em sua biografia. Nascem e crescem vendo parentes e vizinhas as voltas com a renda e são também incentivadas a aprender. E aprendem ainda com pouca idade. Muitas delas, sobretudo as mais velhas, aprenderam antes dos 10 anos, pois essa é uma habilidade que, preferencialmente, se aprende quando criança ou adolescente, é algo incorporado à cultura das mulheres da localidade.<sup>18</sup>

Atualmente o universo por onde circulam as experiências dessas mulheres sofreu modificações com o tempo. O discurso da aprendizagem do ofício como alternativa ao trabalho da lavoura, com o tempo foi ficando para trás, sendo substituído pela fala de que o trabalho do artesanato em renda surge como alternativa complementar da renda familiar e garantia de melhor qualidade de vida e acesso ao ensino superior. Desta forma:

O estudo formal, o domínio da escrita e dos códigos do saber letrado possibilitam a abertura de novos horizontes. Como funcionárias públicas, e particularmente como professoras, as rendeiras transitam por espaços diversos e têm acesso à literatura em que o trabalho feito à mão é representado positivamente, o que as torna mais sensíveis aos discursos de valorização tanto do artesanato em geral como da renda em particular. Ao fazê-lo, estabelecem relações sociais que lhes permitem aproveitar melhor as brechas que se abrem pela implementação das políticas públicas de fomento e apoio ao artesanato e pela descoberta de nichos de venda da renda. As instituições de ensino superior, onde algumas, autofinanciadas pelo dinheiro da renda, frequentam cursos de graduação ou de especialização, são espaços em que as artesãs têm encontrado um mercado promissor para sua produção.<sup>19</sup>

A classe social dessas mulheres, de acordo com a renda *per capita* do município, com recorte entre 2000-2017, enquadra a maioria delas como classe média. Algumas com ensino superior, atualmente empregadas em cargos da prefeitura, residem no centro da cidade, local

<sup>18</sup> DANTAS, Beatriz Góis. *Op. Cit.* 2001. p.18.

<sup>19</sup> INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Modo de fazer a Renda Irlandesa: Tendo como ofício em Divina Pastora*. Brasília/DF: IPHAN, 2014. p.119.

urbanizado e com metros quadrados de terra valorizados no mercado imobiliário. A localização facilita a procura e o comércio da Renda Irlandesa, já que turistas, pesquisadores e comerciantes ao chegar em Divina Pastora se direcionam ao eixo central da cidade.

Direcionando o olhar para as histórias de vida de mulheres da renda, algumas bibliografias citam casos de rendeiras que alcançaram grandes conquistas através da Renda Irlandesa, como por exemplo, a rendeira Maria Alaíde da Conceição Carvalho (Zu), criada em Divina Pastora, trilhou um caminho de sucesso “sendo premiada 20 vezes internacionalmente”<sup>20</sup>.

Apesar de Zu (apelido como se tornou conhecida) tecer outros tipos de artesanato (ponto cruz e desfiado), a mesma atribuiu seu sucesso à Renda Irlandesa, que lhe permitiu conhecer diversos países como Argentina, Chile, Venezuela, México, Porto Rico, Bolívia, Estados Unidos e Espanha, e na época em que foi concedida a entrevista a rendeira residia na Argentina. Outras mulheres atribuem a aquisição da casa própria e o acesso ao ensino superior aos rendimentos advindos do artesanato em renda<sup>21</sup>.

Um fato sempre mencionado, sem um olhar mais crítico, na visão histórica da tradição da Renda Irlandesa, é a conjuntura das rendeiras que incluíram no artesanato elementos característicos da região, com os quais lidavam corriqueiramente e se fizeram presentes na confecção dos pontos das rendas, com, por exemplo, nome de frutas e flores, fato que não é observado em outros tipos de artesanatos de “agulha e linha”<sup>22</sup> confeccionadas em outros países.

A substituição do material fita (fitalho) pelo “cordão”, conferindo à Renda Irlandesa um toque diferenciado, mesmo adotando técnica semelhante para confecção da Renda Renascença, também foi abordada nos estudos de Oliva<sup>23</sup>. Essa modificação no modo de fazer o artesanato por mulheres de Sergipe foi facilmente identificada nas publicações e bibliografias sobre o artesanato e atualmente é o item característico que difere o artesanato local dos demais também apontados por Maia<sup>24</sup> como Renda Irlandesa e conhecido em outras regiões do Brasil como Renda Renascença.

## O PERFIL DAS MULHERES AO LONGO DO TEMPO

<sup>20</sup> Ibidem.

<sup>21</sup> Idem, p.120.

<sup>22</sup> CEDRAN, Lourdes (Coord.) *Divina Pastora: Renda Irlandesa e Redendê*. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1979. p.07.

<sup>23</sup> OLIVA, Terezinha Alves. Renda Irlandesa: Dos Enxovais às Passarelas de moda. In: *Renda Irlandesa: Catálogo de produtos da Renda Irlandesa em Sergipe*. Aracaju: IPHAN, 2014. P.06.

<sup>24</sup> MAIA, Isa. *Op. cit.*, 1981. p.09.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>25</sup>, apurados no ano de 2016, mostram que a população feminina do município de Divina Pastora (SE) perfaz o quantitativo de 2.137 de um total de 4.326 habitantes. Ou seja, o município tem seu quadro populacional composto praticamente por metade do sexo feminino. Isso significa que uma política de salvaguarda e incentivo ao aprendizado do ofício rendeiro na localidade, gera uma expectativa de oportunidades de benefícios e lucratividade para economia local além de dar continuidade à tradição.

O censo do IBGE <sup>26</sup> relativo ao sistema nacional de informação de gênero realizado em 2000, ano de criação da ASDEREN, informa que a média do percentual de contribuição do rendimento das mulheres no rendimento familiar era de 36% de uma população economicamente ativa de mulheres com 16 anos ou mais de idade composta por 415 pessoas.

Já para o ano de 2010, as informações revelam um aumento para 42,1% no percentual de contribuição do rendimento das mulheres no rendimento familiar de uma população economicamente ativa de mulheres com 16 anos ou mais de idade composta por 630 pessoas. A tabela 1 com dados de 2000 e 2010 permite visualizar com maior precisão a contribuição feminina na economia do município de Divina Pastora.

Mulheres nas Atividades Econômicas	2000	2010
Agricultura	16%	7,4%
Indústria	3,1%	7,2%
Serviços	80,9%	85,4%

**Tabela 1-** Participação feminina na economia do município de Divina Pastora.<sup>27</sup>

Houve um decréscimo de quase metade da participação feminina na agricultura entre os anos 2000 e 2010, tendo sido registrada a ampliação do quantitativo de mulheres na indústria (um aumento de mais da metade) e nos serviços. O uso de maquinário na agricultura, o desgaste dos campos e da qualidade de vida do trabalhador rural, melhores oportunidades de escolaridade e ofertas de emprego nos setores de indústria e serviços podem explicar essas alterações percentuais.

<sup>25</sup>INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Município de Divina Pastora*. 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=280200&idtema=16&search=||s%EDntese-das-informa%E7%F5es>>. Acesso em 30/11/2016.

<sup>26</sup>INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Sistema Nacional de Informação de Gênero – análise dos resultados do censo demográfico de 2000 e 2010*. Disponível em: [ibge.gov.br](http://ibge.gov.br). Acesso em 30/11/2016.

<sup>27</sup> Ibidem.

Com relação ao papel desempenhado pelas mulheres de Divina Pastora à frente da manutenção econômica de suas famílias, a tabela 2 demonstra em quase todos os itens um crescimento exponencial da proporção de famílias chefiadas por mulheres entre 2000 e 2010.

Mulheres mantenedoras da família	2000	2010
Proporção de famílias em que a mulher era responsável pela família, do tipo casal com filho, nas famílias únicas e conviventes principais, residentes em domicílios particulares, em relação ao total de famílias do tipo casal com filho.	8,7%	27,7%
Proporção de famílias em que a mulher era responsável pela família, do tipo casal sem filho, nas famílias únicas e conviventes principais, residentes em domicílios particulares, em relação ao total de famílias do tipo casal sem filho.	4,3%	29,8%
Proporção de famílias em que a mulher era responsável pela família, do tipo responsável sem cônjuge com filho, nas famílias únicas e conviventes principais, residentes em domicílios particulares, em relação ao total de famílias do tipo responsável sem cônjuge com filho.	90%	85,2%
Proporção de famílias em que a mulher era responsável pela família, em famílias com rendimento familiar per capita até ½ salário mínimo, nas famílias únicas e conviventes principais, residentes em domicílios particulares, em relação ao total de famílias com rendimento familiar per capita até ½ salário mínimo.	23,2%	41,9%
Proporção de famílias em que a mulher era responsável pela família, em famílias com rendimento familiar per capita de mais de 2 salários mínimos, nas famílias únicas e conviventes principais, residentes em domicílios particulares, em relação ao total de famílias com rendimento familiar per capita de mais de 2 salários mínimos.	10,5%	39,5%
Proporção de famílias em que a mulher era responsável pela família, nas famílias únicas e conviventes principais, residentes em domicílios particulares, em relação ao total de famílias.	26%	42,3%
Proporção de famílias em que a mulher, de cor ou raça branca, era responsável pela família, nas famílias únicas e conviventes principais, residentes em domicílios particulares, em relação ao total de famílias cujo responsável pela família era de cor ou raça branca.	34%	41,8%
Proporção de famílias em que a mulher, de cor ou raça preta ou parda, era responsável pela família, nas famílias únicas e conviventes principais, residentes em domicílios particulares, em relação ao total de famílias cujo responsável pela família era de cor ou raça preta ou parda.	23,3%	42,5%

**Tabela 2-**Participação feminina no sustento das famílias em Divina Pastora.<sup>28</sup>

A única inflexão ocorre no decréscimo de 5% do percentual de famílias em que a mulher era responsável pela família, do tipo responsável sem cônjuge com filho, nas famílias únicas e conviventes principais, residentes em domicílios particulares, em relação ao total de famílias do tipo responsável sem cônjuge com filho.

Já o maior aumento ocorre nas famílias onde a mulher era responsável pela família, do tipo casal sem filho, perfazendo de 4,3% para o total de 29,8%. O aumento da escolaridade feminina e consequente maior permeabilidade no mercado de trabalho pode justificar esses dados quantitativos.

<sup>28</sup> Ibidem.

Para verificar tal hipótese foram levantados os dados sobre a escolaridade de homens e mulheres no município de Divina Pastora, segundo o IBGE, em 2000, que podem ser observados na tabela 3:

Escolaridade	Mulheres	Homens
Analfabetos	239	355
Não concluíram o Ensino Médio e nem frequentavam a escola	120	141
Frequentavam o Ensino Fundamental	278	298
Frequentavam o Ensino Médio	0	8
Frequentavam o Ensino Superior	0	3

**Tabela 3-**Escolaridade de mulheres e homens no município de Divina Pastora no ano 2000<sup>29</sup>.

No ano 2000, não foram computados dados de mulheres residentes em Divina Pastora frequentando os ensinos médio e superior, por outro lado havia homens ocupando esse nível de escolaridade, embora poucos. Os homens eram a maioria dentre os analfabetos e dentre aqueles que frequentavam o ensino fundamental, o que pode ser explicado pelo fato de muitos abandonarem os estudos muito cedo para buscar o sustento de suas famílias em empregos exaustivos e muitas vezes fora de seu local de origem.

Escolaridade	Mulheres	Homens
Sem instrução e Ensino Fundamental Incompleto	43,8%	63,9%
Ensino Fundamental completo e Médio incompleto	8,1%	13,2%
Ensino Médio completo e Ensino Superior incompleto	39,9%	22,9%
Ensino Superior incompleto	8,3%	0

**Tabela 4:** Escolaridade de mulheres e homens no município de Divina Pastora em 2015.<sup>30</sup>

A tabela 4, referente ao ano de 2015, revela uma mudança considerável, pois as mulheres reduziram seus números nos itens da ausência de instrução, ensino fundamental e médio incompleto, para em contrapartida aumentarem seus números no ensino médio completo e superior incompleto. Os números comprovam, nesse período de 15 anos, o acesso maior do contingente feminino aos estudos.

Mesmo assim ainda é preciso ressaltar que o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) em Divina Pastora é de 0,61 (figura 1) comparado aos quantitativos de 0,52 de Poço Redondo (o menor) e 0,77 da capital Aracaju.

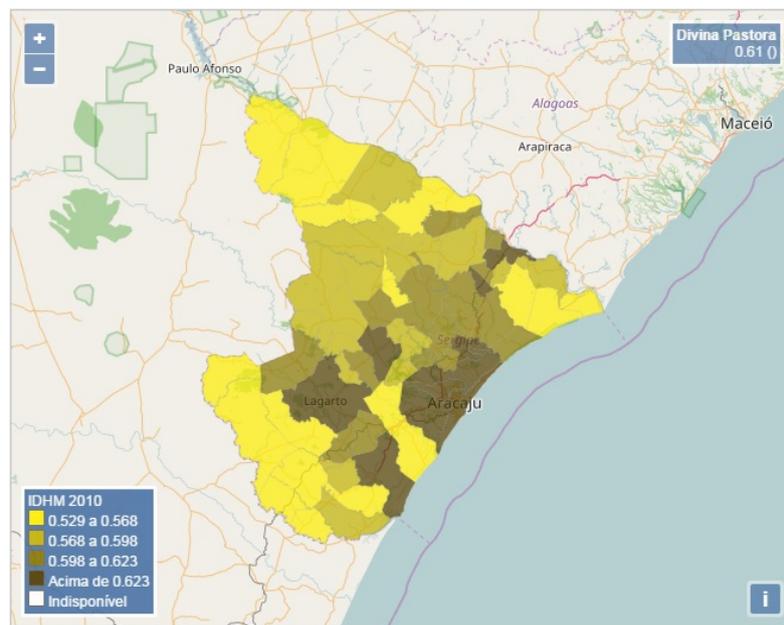
Ou seja, o estado como um todo ainda apresenta um baixo IDHM, estando o município de Divina Pastora ocupando uma faixa intermediária entre os maiores e os menores índices.

<sup>29</sup> Ibidem.

<sup>30</sup> Idem.

Fatos decorrentes tanto das questões do desenvolvimento econômico quanto das baixas avaliações relativas à educação, saúde e demais infraestrutura na localidade.

Observa-se que há de fato uma pobreza socioeconômica relativa à capital Aracaju, porém o município de Divina Pastora, em sua área urbana, apesar dos bolsões de miséria ainda avistados em áreas periféricas, possui uma harmonia em seu centro, com habitações de boa qualidade e famílias com razoável escolaridade e rendimentos. Não são detentores de indústrias, de fazendas ou cabeças de gado, mas possuem emprego fixo (muitos são concursados) e formam seus filhos nas universidades.



**Figura 1-** Cartografia do IDHM em Sergipe no ano de 2010.<sup>31</sup>

Esses dados são importantes para comprovar a questão levantada anteriormente sobre o discurso dos estudiosos da Renda Irlandesa enquanto “cultura popular” de “mulheres humildes”, que pode ser justificado pelo fato, que são respaldados em uma formação intelectual pautada pela ideia da “fabricação do folclore e da cultura popular” entre os anos de 1920 e 1950 no Nordeste. Imbuído na proposta do “resgate” da “sergipanidade” que estaria presente na cultura popular, Clodomir Silva foi um representante da intelectualidade que agregava Luís da Câmara Cascudo, Leonardo Mota, dentre outros, para os quais – na emergência da sociedade urbano-industrial e das relações capitalistas que desmontavam as articulações do tradicional patriarcado da Casa Grande & Senzala – apresentavam o povo em

<sup>31</sup> ATLAS BRASIL. *Cartografia do IDHM em Sergipe no ano de 2010*. 2013. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/>. Acesso em 30/11/2016.

seus discursos como “ingênuos, simplórios, subservientes, embora corajosos, destemidos e heroicos ícones da cultura regional”<sup>32</sup>.

## CONSIDERAÇÕES

Beatriz Góis Dantas, Aglaé Fontes, Terezinha Oliva e outros pesquisadores do artesanato em renda em Sergipe, formados nessa escola de pensamento, muitas vezes incorporam em seus textos esse ideário das rendeiras como mulheres simplórias, pobres, humildes, resignadas a manter a tradição, guardiãs da cultura em meio à uma economia desfavorável que não está aparente e nem é criticada em seus estudos.

Por isso nota-se a persistência em descrever essas mulheres como a representação de sujeitos que devem heroicamente sacrificar suas demandas econômicas em prol de algo maior: a manutenção cultura popular presente na Renda Irlandesa, vista enquanto bem patrimonial imaterial.

Outra reflexão importante a ser refeita é levantada por Dantas<sup>33</sup> quando aponta o ensino da renda em escolas, na década de 1950, ofertada como disciplina de “trabalhos manuais” que deveria ser cursada pelo sexo feminino. Entrando na discussão do campo dos estudos de gênero, essas mulheres carregam desde o início da história da renda em Sergipe o peso de uma educação patriarcal, onde as moças eram treinadas para ser boas donas de casa e esposas preparadas para realizar as atividades do lar e da maternidade.

Essa análise sobre a aprendizagem do ofício da Renda Irlandesa, não difere do processo relatado na historiografia do artesanato em outros estados, a exemplo de Campos dos Goytacazes/RJ, visto que seu ensinamento foi transmitido pela Escola Industrial Feminina Nilo Peçanha, onde:

A marca distintiva dessa escola se encontra no fato de ter sido uma instituição profissional destinada ao público feminino proveniente das camadas menos abastadas da população. No enunciado acima reproduzido, observamos nitidamente um contexto de transição de ideias acerca do papel da mulher na sociedade. Propunha-se à mulher a conciliação de suas atividades tradicionais com a nova responsabilidade que se lhe incumbia: contribuir para o “progresso da nação” através de sua profissionalização e atuação no mercado de trabalho, fora do lar sem, contudo, deixar de lado as obrigações que possuía enquanto filha esposa e mãe. O pensamento simbólico de diferença entre os sexos, de divisão das tarefas e espaços entre

<sup>32</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A feira dos mitos: A fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

<sup>33</sup> DANTAS, Beatriz Góis. *Op. Cit.*, 2013.

homens e mulheres, dos papéis atribuídos a cada um e das relações entre eles esteve e continua em constante transformação. As mudanças sociais, políticas, de modo de produção e na economia, convergindo, sobretudo, nas cidades, contribuíram para deslocar lentamente essas fronteiras, em que certas práticas e espaços eram proibidos às mulheres e outros quase que restritos somente a elas<sup>34</sup>.

O enunciado que a autora menciona, trata-se de parte de um discurso proferido por uma professora identificada como Aída Di Verdi Castro, na condição de paraninfa de uma turma de diplomadas no ano de 1949, que segundo a autora, “consta nos relatórios anuais do arquivo histórico da Escola Industrial Feminina Nilo Peçanha”<sup>35</sup>.

Trazendo a discussão para a atualidade, ainda se sente o peso desse silenciamento onde mesmo alcançando grandes resultados com seu “trabalho” essas mulheres continuam na invisibilidade dos méritos, pois a economia do município de Divina Pastora está centrada nos *royalties* do petróleo e na agricultura, onde predominante a mão de obra é masculina. A figura feminina, representada pela rendeira, é ocultada por seu produto que é a renda, sendo despersonalizada enquanto pessoa, ser humano, com demandas econômicas, políticas, sociais e culturais.

Esta reflexão pode ser “sentida” quase que de uma maneira “subliminar” no poema: “Rendas e Rendeiras: Ofício de encantar”, da pesquisadora Aglaé Fontes, no texto de apresentação do material produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ao descrever as rendas e rendeiras no dossiê de apresentação da Renda Irlandesa:

Não vejo seu rosto! Vejo somente as mãos!  
Seu vai e vem traçador, constrói belezas e desafia a harmonia de um riscado secular. O destino do fio se faz no caminho do cordão. Ele é guia e sustentação das ideias da criação.  
Não vejo seu rosto! Vejo somente as mãos!  
Os dedos nus e desprevenidos se magoam nos ritos dos sacrifícios da agulha no bordar.  
Não vejo seu rosto! Vejo somente as mãos!  
Enquanto eles brincam com os fios e tecem belezas em círculos, retas ou volteios sobre a agulha, vão surgindo mandalas em relevo, sóis da sensibilidade. Na distração do fazer, a fala liberta “causos” acontecidos no cotidiano da cidade...  
- Soube que Maria, filha de D. Santa vai casar?  
- Oxente, já?  
- Menina, eu soube ontem que o filho de Esmelinda já tá arrumando as malas pra ir pra “Sun” Paulo.  
- Hum...Sorte dele!!!

<sup>34</sup> SILVA, Daniela Gonçalves da; MARTÍNEZ, Silvia Alicia; AMARAL, Shirlena Campos de Souza. A dupla missão formativa da Escola Industrial Feminina “Nilo Peçanha” (1947-1956): apreciações sobre currículo e cultura escolar in *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 270-300, set. /dez. 2016. P.272.

<sup>35</sup> Ibidem.

O silêncio esconde outras histórias pensadas.  
E a mão volta a comandar o desafio do espaço lanceto e faz a boca calar sobre os acontecidos.  
Não vejo seu rosto! Vejo somente as mãos!  
Acompanho seu vai e vem sobre o papel pardo, sobre o qual o debuxo azulado se espalha.  
Manhãs e tardes no ofício das rendeiras.  
A cidade, pequena e terna, parece que toda feita de mãos de renda. De todas as cores e todas as formas, de todos os jeitos.  
Mãos que tecem. Mãos que rezam. Dedos que se entrelaçam na criação no encanto de rendar.  
Não vejo seu rosto! Vejo somente as mãos! E isso me basta!<sup>36</sup>

Saber quem são essas mulheres, ver seus rostos, conhecer suas histórias de vida é um percurso necessário que deve integrar a historiografia da Renda Irlandesa de Divina Pastora e das conquistas que foram obtidas através do trabalho árduo de mulheres protagonistas.

A Renda Irlandesa de Divina Pastora é um artesanato feito à mão, que carrega consigo história e tradição que precisa da continuidade, do gosto e interesse dessas mulheres em continuarem tecendo por meses aquele mesmo trabalho. Algumas artesãs são mais idosas, outras são mães de família, mas há também aquela bem jovem, solteira, que ainda nem sabe explicar a importância do artesanato para a economia local, mas que desde cedo despertou seu desejo por apreender a tecer a linha envolta do cordão.

Falar do artesanato já se tornou algo tão comum que até as mulheres mais tímidas discursam quase sem pensar sobre a história da Renda Irlandesa. Mas, quando a pergunta é: “fala um pouco da sua biografia, quem é você? ”, algumas reagem com espanto, disparam logo a pergunta: “de mim? ”, outras manifestam estranhamento, justificando logo que não sabem o que falar, mas há também aquelas que quando questionadas, procuram nos segundos de silêncio uma resposta para a pergunta e após a surpresa se definem em uma única palavra: “sou rendeira”<sup>37</sup>.

<sup>36</sup> IPHAN. *Op. cit.*;2014.

<sup>37</sup> Informação verbal. Concedida em entrevista a autora em 2017.